

Paulo Bittencourt



***PERDENDO  
TEMPO COM  
DEUS***

# Perdendo Tempo Com Deus

Por Que  
Sou Ateu

Paulo Bittencourt

Formatado para smartphones

Arte da capa: Paulo Bitencourt.

© Todos os direitos reservados. Sem permissão do autor, nenhuma porção deste livro pode ser reproduzida de maneira alguma.

Exceto quando se referem a uma pessoa em particular, todos os termos específicos de gênero devem ser considerados como referindo-se tanto à forma feminina quanto à masculina.



Universo, Complexo de Superaglomerados Peixes-Baleia, Superaglomerado de Laniakea, Superaglomerado de Virgem, Grupo Local, Via Láctea, Braço de Órion, Onda Radcliffe, Bolha Local, Nuvem Interstelar Local, Sistema Solar, Terra

**LIVRE PENSAMENTO**





## Paulo Bitten quem?

Nasci no Paraná, em 1966, mas passei a infância na cidade do Rio de Janeiro, numa época em que brasileiros ainda diziam que Deus era brasileiro. Minha mãe levou a mim e meus três irmãos à igreja evangélica a que o pai dela levava a ela e os oito irmãos e irmãs dela e meus três irmãos levaram os filhos e filhas deles. Quando me converti em adulto, meu pai, que era católico, converteu-se à igreja evangélica a que o pai de minha mãe levava a ela e os oito irmãos e irmãs dela e ela levava a mim e meus três irmãos e meus três irmãos levaram os filhos e filhas deles.

Eu não levei meu filho à igreja alguma.

Não sou qualquer um. Afinal, tenho o mesmo nome de família que o desguedelhado compositor de “tchã, tchã, tchã, tchãããã...”. Bittencourt é a versão francesa do sobrenome holandês Beethoven, de nobilíssimo significado: horta de beterrabas.

Eu sonhava em ser desenhista de histórias em quadrinhos e desenhos animados, mas uma voz na minha cabeça me mandou fazer Faculdade de Teologia e trabalhar

para um super-homem invisível e brabo. Em vez de fazer de mim um homem de Deus, estudar Teologia me fez ter dúvidas. Ao fim do quinto semestre, abandonei os estudos e me mudei para a Europa. Só não fui engolido por uma baleia porque fui de avião. Após curta estada em vários países, em 1990 me radiquei na cidade austríaca em que Ludwig van Horta de Beterrabas virou comida de minhoca: Viena, onde me formei em Canto Lírico.

Sou autor também dos livros *Liberto da Religião: O Inestimável Prazer de Ser Um Livre-Pensador* e *Com Zeus Não Se Brinca: Loucuras da Crença em Deus*.

No meu [site](#), você pode ler mais reflexões minhas sobre religião e Livre Pensamento.

A meu filho Evgeny

Que você viva num mundo cada vez mais  
livre de superstições e irracionalidades.

# Índice

Capítulo Único  
Por Que Sou Ateu  
13

Apêndice 1  
Pensar Fez de Mim Um Ateu  
282

Apêndice 2  
Olá, sou Deus!  
296

Apêndice 3  
Desintoxicação  
302

Apêndice 4  
Livre Pensamento  
318

## Prefácio

Quando o caro leitor terminar de ler esta frase, feche os olhos e pausadamente diga três vezes: “Saber”.

Por mais incrível que possa parecer, crentes em Deus consideram ateus arrogantes. Incrível porque não é preciso ser um gênio para perceber que a verdade é o contrário. Ateus seriam arrogantes porque negariam a existência de Deus, apesar de saberem que ele existe. Ora, é impossível negar a existência do que se sabe que existe. Logo, ateus não negam a existência de Deus. Ateus apenas não creem em Deus. Afinal, por que deveriam? Crer não é saber. Crer pode ser satisfatório para uns, mas não o é para outros. Quando buscam Deus, ateus não só não encontram evidências da existência como até encontram evidências da não existência dele. E quando analisam os argumentos de quem alega ter encontrado Deus, ateus notam as falhas, incoerências, discrepâncias e ilogicidades deles.

Crentes não sabem se Deus existe. Por isso é que têm crença. Por isso é que têm fé. Por isso é que têm esperança. Mesmo as-



sim, dizem que sabem. Constroem templos, batem em portas, escrevem livros e revistas, falam no rádio, televisão e internet, missionam em outros países, prometem proteção, cura, prosperidade, vida eterna e mansão de ouro. Uns inclusive ameaçam de tortura num lago de fogo e enxofre quem não crê em Deus, ou crê numa versão diferente. Outros chegam a se explodir perto de quem não crê em Deus, ou crê numa versão diferente.

Quem, então, é arrogante: quem não sabe se Deus existe ou quem não sabe se Deus existe e mesmo assim diz que sabe?

Como se vê, não acreditar em Deus é a mais pura humildade.

Uma vez que ser ateu nada mais é que não ter motivos para crer em Deus, a um ateu é impossível converter um crente ao Ateísmo. Descrença não tem conteúdo. Se não tem conteúdo, não tem doutrinas. Se não tem doutrinas, não tem ensinamentos. Se não tem ensinamentos, Ateísmo não é uma filosofia, nem ideologia e muito menos religião. Substitua “Ateísmo” por “falta de crença em Deus” e fica evidente que chamar Ateísmo de religião é ridículo. O

Ateísmo só é uma “coisa” porque o Teísmo é comum e muitas pessoas acham perturbante não crer em Deus. Ninguém considera não crer no Papai Noel uma filosofia, ideologia ou religião, já que não crer no Papai Noel é a atitude padrão de todas as pessoas com mais de cinco anos de idade. Por conseguinte, não há necessidade duma palavra como Apapainoelismo, pois não há Papainoelismo para contrastar. Ateus simplesmente explicam por que não creem em Deus, e essas explicações levam alguns crentes a refletir. Quando muito, o que ocorre é uma autoconversão à lógica, razão e coerência: o crente reconhece que não há motivos para crer em Deus.

Se o caro leitor é crente, meu objetivo não é convencer você a deixar de crer em Deus. É como se alguém tivesse me perguntado: “Paulo, por que você não crê em Deus?” ou “Você tem algo contra a crença em Deus?”. A resposta é este livro.

Paulo Bittencourt

“Não quero crer, quero saber.”

— Paulo Bittencourt

— Você acredita em Deus, Alan?

— Sim.

— O que ele é?

— Deus... é... um gás.

— Como assim?

— Bem, ele não é um gás pequeno, como o gás de botijão. Ele é um gás grande, como oxigênio. Ou dióxido de carbono. Não, esse é mau, né? Esse é o Diabo.

(Do episódio de TV *Knowing Me  
Knowing Yule With Alan Partridge*)

## Capítulo Único

# Por Que Sou Ateu

“Faça seu próprio deus, pinte-o de vermelho-sangue

e, no nome dele, golpeie seus inimigos até à morte.

Faça da religião uma espada, não tolere perguntas.

Quem pensar diferente é trucidado pela cruz.

Meu deus não é seu deus, mas qual deus é Deus?

Por isso, em seu nome nos golpeamos uns aos outros até à morte.”

(Da canção *Mein Gott*, da Erste Allgemeine Verunsicherung, uma banda austríaca de rock)

O CARO LEITOR já leu um livro cujo conteúdo principal não é dividido em capítulos? Aposto que não. Você está, então, desfrutando do raríssimo privilégio de ter em mãos um livro de um único (longo) capítulo. É que o escrevi de maneira fluida, sem planejar seus tópicos, mais ou menos como um monólogo improvisado, deixando meus pensamentos na ordem em que me vieram à mente, às vezes voltando a assuntos já abordados, o que tornou dividir este livro



em capítulos praticamente impossível. Muito mais importante que a estrutura são os argumentos — e argumentos é o que não falta neste livro!

Nasci no dia 20 de dezembro de 1966. Pelo menos, isso é o que diz uma folha de papel. Olhando no espelho, não vejo motivos para duvidar. Se bem que, nos dias em que estou de bom humor, pareço um ano mais jovem.

Meus pais têm quatro filhos: O Mais Velho, O Segundo Mais Velho, eu e O Mais Novo. Minha cidade natal se chama Castro e fica no Paraná, estado de que também meus pais são originários e onde meninos se xingam de “tongo” e “piá de bosta”. Juro por Deus: sou um ateu que nasceu num hospital chamado Bom Jesus, num bairro chamado Santa Cruz. Quem nasce em Castro é castrense. Só não para os moradores das cidades vizinhas. Eles gostam de chamar castrenses de castrados e, quando estão com vontade de dar estrondosas gargalhadas, recitam este comovente poema, cujo autor a polícia castrada, perdão, castrense ainda não sabe quem é:

Castro, cidade benta.

Não chove, não venta.

Não esfria, não esquentá.

Não diminui, não aumenta.

Ô cidade lazarenta!

Castro era conhecida como a terra do sapo, o bicho de que minha mãe mais tem nojo, depois de jacaré e cobra (Jesus disse que seus seguidores podem pegar serpentes com as mãos, mas minha mãe não pode vê-las nem na televisão).

Não sou conhecedor da história de Castro, mas que eu saiba nada de realmente importante aconteceu lá, além do meu nascimento. O maior orgulho de minha cidade natal é uma manteigueira, que teria sido usada por Dom Pedro II. Acredite quem quiser, o imperador do Brasil realmente foi a Castro. O caro leitor quer saber por quê?

— Não aguento mais essa vida interessante!

— Vossa Majestade está precisando de tédio.

— O que me sugeres, ó conselheiro real?

— Observar sapos em Castro.

- Onde diabos fica isso?
- No Paraná.
- Não há perigo de eu morrer de tédio?
- Não, se Vossa Majestade lá se deter por apenas algumas horas.
- Perfeito! Providencia já a arrumação da minha mala. E não esquece a manteigueira real!

Se não foi roubada por uma quadrilha internacional e vendida a um colecionador em Marraquexe, a dita-cuja está exposta no Museu do Tropeiro, que é do tamanho do banheiro do British Museum.

No inverno, Castro pode ser bastante gelida, característica que lhe rendeu seu segundo maior orgulho: ter sido mencionada no *Jornal Nacional* como a cidade mais fria do Brasil — por uma noite.

Quando eu tinha um ano de idade, minha família se mudou para a cidade do Rio de Janeiro. Como todo mundo sabe, os ricos moram na Zona Sul. Adivinhe, caro leitor, onde moramos. Exatamente: na Zona Norte (onde está, por exemplo, a praia de Copacabana). Por cerca de nove anos, vivemos no bairro Quintino Bocaiúva. Morávamos

em frente a uma igreja católica ladeada por um centro espírita. No cruzamento mais próximo, era comum nos depararmos com galinhas pretas, garrafas de cachaça, charutos e moedas, oferendados a algum deus afro-brasileiro. Nas galinhas, cachaça e charutos nós moleques não tocávamos, mas as moedas não éramos bobos de deixar lá: pegávamos para comprar doces. Obrigado, Umbanda! Ah, e obrigado também pelas guloseimas do Dia de São Cosme e Damião.

Meu pai era lanterneiro: consertava a lantaria de automóveis. O dono da oficina em que meu pai trabalhava era um irmão de minha mãe. No ano em que completei dez anos, meu tio resolveu fechar a oficina e abrir uma nova em Brasília, pelo que nos mudamos para lá.

Na capital federal, meus pais não conseguiram encontrar apartamento, o que nos forçou a morar com outro irmão de minha mãe, que era sargento do Exército. Era uma situação difícil, pois ele tinha um filho pequeno. Esse tio e sua esposa eram evangélicos. A esposa de meu tio nos fazia sentir que não éramos o que se poderia chamar de bem-vindos.

O Mais Velho foi morar com uma irmã de minha mãe no interior de São Paulo. Igualmente evangélica, também essa tia não era o que se poderia chamar de poço de carinho.

Sem perspectiva de melhora, minha mãe pegou O Segundo Mais Velho, a mim e O Mais Novo e voltou para Castro. Meu pai ficou em Brasília. Outra vez dependendo de parentes, fomos morar num quarto dum velho hotel que pertencia a outra irmã de minha mãe. Igualmente evangélica, também essa tia não era o que se poderia chamar de fonte de ternura.

Para nos manter, minha mãe lavava e passava a roupa de hóspedes e fazia sonhos (pãezinhos redondos, recheados e fritos), que eram vendidos na padaria que pertencia a uma das filhas dessa tia e em que O Segundo Mais Velho, com 14 anos, trabalhava.

Algum tempo depois, minha mãe conseguiu alugar uma casa. Num estado que muitos paranaenses consideram mais avançado que o resto do Brasil, a privada ficava no quintal. Meses mais tarde, meu



pai se juntou a nós e nos mudamos para uma casa melhor: com privada dentro.

Quando me propus a escrever meu primeiro livro, *Liberto da Religião*, decidi não revelar o nome da igreja a que fui induzido a pertencer. Eu não queria dar aos crentes o prazer de me acusar de ter me tornado ateu por mera decepção. Decepção pode levar alguém a dar as costas a uma igreja, mas raramente o transforma num ateu. Em geral, quem sai duma igreja entra noutra. Se não, torna-se um crente sem igreja. Após certo período de revolta, muitos desigrejados retornam à igreja de que saíram.

Quando não é por decepção com a igreja, é por querer se ver livre de suas restrições. Muitas das regras impostas pelo Protestantismo puritano, que, importado dos Estados Unidos, é o que reina no Brasil, nem sequer têm base bíblica, como as proibições de fumar, beber álcool e café, usar maquiagem e joias, frequentar cinemas e teatros, ouvir música secular e dançar. Diferentemente de muitos, não saí da igreja por decepção, nem para me ver livre de suas restrições. Na verdade, não saí (apenas) da igreja, mas da religião, e isso por razões te-

ológico-filosóficas, das quais as principais exponho neste livro.

Aqui, então, a tão aguardada revelação do grande mistério: fui... [música de suspense] adventista.

Numa época em que o Adventismo era relativamente novo no Brasil, meu avô materno foi convertido à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Como não poderia deixar de ser, ele doutrinou sua prole nessa organização religiosa. Entretanto, acabou saindo da igreja. Alguns de seus filhos o seguiram e também saíram. Minha mãe ficou. Que sorte a minha (só que não)! Uns quinze anos mais tarde, ela viria a me dar à luz e, como não poderia deixar de ser, doutrinar-me nessa organização religiosa.

Religião separa as pessoas. Em 1989, eu cursava a Faculdade de Teologia do Instituto Adventista de Ensino, em São Paulo, em que eu era programado para ser um homem de Deus. Sem embargo, alguns neurônios de meu cérebro, miraculosamente não afetados pela lavagem cerebral religiosa, fizeram-me pensar, e pensar me fez duvidar, e duvidar me fez largar a faculdade e me mudar para a Europa, onde, dois anos

depois, deixei de ir à igreja. Por essa época, só O Mais Novo ainda morava com meus pais. Quando eu os visitava, entre mim e ele não havia sintonia. Vivíamos em mundos diferentes: eu era o de fora da igreja. Pior: o de fora da igreja que vivia num continente depravado (Europa). Pior ainda: o de fora da igreja que vivia num continente depravado que me transformara num metido.

Alguns anos após eu sair da igreja, O Mais Novo também saiu. Todavia, ao contrário de mim, tão somente para poder fazer muitas das coisas que ela proíbe. Uma vez, minha mãe lhe perguntou: “O que são essas manchas dentro do seu carro?”. Era vômito dum dos amigos com os quais meu irmão passara o final de semana bebendo. Foi só meu irmão sair da igreja que nosso relacionamento voltou a ser bom, quer dizer, normal. Passamos, por exemplo, a poder ir juntos a botecos jogar sinuca e beber cerveja. Ele até tinha uns exemplares da revista *Playboy* escondidos no armário, embaixo duma pilha de roupas. Outra coisa “satânica” que ele tinha: discos de rock.

Quando desse tipo de liberdade se cansou, para a igreja ele voltou (minha nossa,

até rimou!), reerguendo o muro que separou o irmão de dentro da igreja do de fora e, assim, catapultando nossa boa relação de volta ao estado de dessintonia. Na verdade, ela se tornou pior, pois quem volta para a igreja geralmente volta mais devoto, por vezes fanatizado. Antes de sair, O Mais Novo era um simples esquentabanco. Após voltar, passou a pregar e inclusive foi eleito ancião da igreja, cargo que em algumas denominações é chamado de presbítero, a maior autoridade leiga duma congregação protestante. Meu irmão é um dos que decidem se um membro deve ser riscado da igreja, por exemplo por beber cerveja, líquido que ele, enquanto fora dela, ingeriu aos litros. Numa de minhas passagens por Castro, mencionei, à mesa, os buracos negros. O Mais Novo retrucou: “Buraco negro é coisa de cientista maluco!”. Foi assim que, surpreso, descobri que ele voltara para a igreja. Toda semana, por 24 horas, meu irmão me proibia de usar a internet, que ele, do alto de seu legalismo e (falso) moralismo, desligava antes do pôr do sol de sexta-feira e ligava depois do pôr do sol de sábado.

do, o esquisito “dia” sagrado dos adventistas, baseado no *shabat* judaico.

Como a maioria das que foram fundadas nos Estados Unidos, a Igreja Adventista é uma denominação de linhagem puritana. Os puritanos foram cristãos cujo objetivo era alcançar a pureza (como se isso fosse natural) seguindo a Bíblia à risca (como se isso fosse possível). O problema com os fanáticos é que odeiam ver gente desfrutando a vida. Conscientes de que ser fundamentalista é a coisa mais insuportável que existe (para os puritanos, tudo era pecado), não cansam de tentar enfiar seu fundamentalismo goela abaixo de todo mundo. Quanto mais pessoas forem fundamentalistas, menos insuportável o fundamentalismo parecerá. De saco cheio do Puritanismo, no século XVII a Inglaterra expulsou os puritanos. E para onde haveriam de ir os chatos que ninguém queria? Para a América, claro. Quando quer a terra de alguém, mas ele não a quer vender, o que você faz? Aquilo que cristãos por séculos fizeram com as terras de povos que não adoravam o deus que manda dar também a capa a alguém que quer só a túnica: tira a terra dele à...



Leia o **resto** do livro.